

## **ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DAS TECNOLOGIAS:**

### **Um Olhar Reflexivo sobre a Prática Docente**

Evellyn Moreira de Almeida<sup>1</sup>

Rachel Cunha dos Santos Domingos<sup>2</sup>

Paulo Célio Soares<sup>3</sup>

#### **Resumo**

A presente pesquisa trata sobre o uso da tecnologia como um aliado ao ensino de História, discutindo como ocorreu a evolução do ensino de História no Brasil, seus objetivos, como a globalização impactou na adoção de novas metodologias de ensino, a estruturação da chamada “educação 4.0” e seus efeitos no ensino de História. A metodologia utilizada constou de fontes primárias, pesquisas feitas no Google Forms, bem como fontes secundárias, como publicações, livros e artigos que abordam essa problemática. O objetivo é analisar a realidade dos professores de História das cidades de Barra do Piraí, Pinheiral, Volta Redonda e Barra Mansa quanto a utilização, treinamento e estrutura das escolas para o uso das tecnologias na sala de aula. Discutiu-se também como a pandemia do coronavírus impactou a utilização de novas metodologias no ensino de História.

**Palavras-chave:** Educação 4.0. Globalização. Metodologias Pedagógicas.

## **TEACHING HISTORY AND THE USE OF TECHNOLOGIES:**

### **A Reflective look at Teaching Practice**

#### **Abstract**

The present research deals with the use of technology as an ally to the teaching of History, discussing how the evolution of History teaching in Brazil occurred, its objectives, how globalization impacted the adoption of new teaching methodologies, the structuring of the so-called "education 4.0" and its effects on History teaching. The methodology used consisted of primary sources, research done on Google Forms, as well as secondary sources, such as publications, books and articles that address this issue. The objective is to analyze the reality of History teachers in the cities of Barra

---

<sup>1</sup>Graduada em História pelo UGB/FERP.

<sup>2</sup>Graduada em História pelo UGB/FERP.

<sup>3</sup>Doutor em História pela UFRRJ) e Mestre em História Social pela USS.

do Piraí, Pinheiral, Volta Redonda and Barra Mansa regarding the use, training and structure of schools for the use of technologies in the classroom. It was also discussed how the coronavirus pandemic impacted the use of new methodologies in the teaching of History.

**Keywords:** Education 4.0. Globalization. Pedagogical Methodologies.

## **Introdução**

Aos longos dos anos a educação vem passando por diversas mudanças, principalmente em sua didática. Com o advento da chamada Quarta Revolução Industrial, a educação mergulha nessa onda de tecnologia, atingindo o ensino de diversas disciplinas. E é neste cenário que escolhemos abordar com mais especificidade em nosso artigo, o ensino de História e a tecnologia. Nosso objetivo maior é mostrar como o ensino da História foi se modificando ao passar do tempo, principalmente no cenário brasileiro, até chegar na atualidade e com podemos usar a tecnologia a favor do ensino da disciplina, além disto, despertar maior interesse da parte dos alunos pela História.

O panorama que o século XXI vive é tomado pelo mundo da tecnologia. Hoje, não conseguimos mais imaginar nossas vidas sem os aparelhos tecnológicos, sem as redes sociais, YouTuber, Google... estamos afogados nesse universo, principalmente os jovens e adolescentes que vivem conectados 24 horas. Então, foi pensando nesta situação é que resolvemos mostrar que podemos usar a tecnologia em favor da educação, especialmente no ensino da História, que já carrega com ela um preconceito por parte dos discentes, como uma matéria chata, ultrapassada, que só vive do passado, que não passa um certo interesse para grande parte dos alunos.

Como esse intuito, nosso artigo mostrará como podemos usar a tecnologia a favor da História, através de celulares, tablets, jogos e sobretudo como podemos trazer a atenção e prazer dos alunos novamente para a disciplina. Com o advento da Educação 4.0 isto está se tornando cada vez mais intenso. Ela chegou para

revolucionar a dinâmica educacional. Retratemos que a História pode sim, ser ensinada nesse âmbito tecnológico, não é por ela ser uma disciplina que aborda o passado, que ela não possa se adaptar aos moldes da modernidade do século XXI.

Entretanto, na prática essa realidade não seja tão fácil assim. Existem diversas dificuldades que norteiam a inclusão da tecnologia na dinâmica educacional, assunto que também será tratado aqui. Muitas escolas não oferecem estruturas adequadas para instalação dessas tecnologias, além de que, muitos professores não tiveram preparação para saber manusear e utilizar em suas aulas essas ferramentas. Para comprovação desses fatos, utilizamos de pesquisas com diversos professores de nossa região e de artigos que também abordam sobre o específico tema. Mostrando os prós e os contras que a inserção das tecnologias no ensino pode trazer.

### **Conceito de História, ensino de história e seus objetivos**

Iniciaremos nossa abordagem fazendo a seguinte pergunta: o que é história? Você já se fez essa pergunta? Saberá responder? Deixaremos esse momento para discutirmos sobre a referida questão. Desde quando a história se tornou uma disciplina no século XIX influenciada pelas correntes Positivistas e Cientificismo, iniciam-se então buscas para conceituá-la e defini-la como uma ciência ou não. Porém, não seria uma tarefa fácil, pois, historiadores de diferentes linhas teóricas entram em conflito de opiniões. Entretanto, o conceito que será defendido por nós neste artigo é o mesmo aceito e aderido pela maioria dos historiadores e escritores que considera que a história seria então o estudo sobre os seres humanos no tempo e os impactos causados por eles, além disso, os acontecimentos históricos serviriam como aprendizado para o presente e o futuro. Em sua obra o autor Marcos Silva, seguindo esta mesma linha de pensamento definirá a história da seguinte maneira,

...podemos afirmar que a história é o conjunto de acontecimentos e os processos de transformação na vida do homem ou de um povo ao longo do tempo. Esse tempo pode ir das épocas mais antigas até o presente.” (SILVA, 2012, p. 19)

Em outras palavras a história será abordada como uma ciência que propicia reflexões sobre ações humanas, suas condicionantes sociais e contradições, contudo, essas definições que podem ser consideradas simples não terminam por aqui. Indo mais a fundo existem mais história por trás dessas definições de História, além disso, será abordado aqui as duas visões que se têm da história enquanto ciência ou não. Em seu artigo Pascal Payen traz a importância de Tucídides para a formação da História, ele foi uns dos primeiros historiadores da antiguidade. Não apenas sua contribuição, mas também de outros historiadores de tempos passados. Como podemos observar no trecho citado:

As obras de Heródoto e Tucídides, de Políbio, e de Tito Lívio e de Tácito encontravam-se, assim, em sintonia com o contexto político do presente e com questão que obcecava todos os historiadores modernos- a constituição e o fortalecimento dos Estados-Nações na Europa. (Payen, 2010, p.115)

A partir de então os historiadores modernos buscaram inspirações na antiguidade para remodelar a história moderna. “Vem de Tucídides também, a concepção da história como uma ciência, afirmando por Pascal, o lugar que ocupou Tucídides na constituição da história como ciência, na Universidade prussiana, depois em toda Europa...” (PAYEN, 2010, p. 121) mas iniciaria aqui uma longa divergência de opiniões sobre a classificação da história. Dois grupos se destacaram ao entrarem em conflitos - os historiadores modernos e os pós-modernos. Os primeiros entendem a história como uma ciência e o segundo discordam, entendendo como algo ficcional. Os historiadores modernos atribuem-se de base de comprovações científicas para analisarem e comprovarem os fatos históricos, como podemos observar neste trecho de Alexandre de Sá Avelar:

A visão de que a reconstrução de um objeto histórico deve levar em conta sua dimensão totalizante através da incorporação dos saberes produzidos em outros campos de conhecimento utilizando, sempre que possível, de métodos de investigação cientificamente. (Avelar, 2008, p. 41)

Essas incorporações de outros campos de conhecimento são chamadas de Interdisciplinaridade, característica defendida principalmente pelos Annales<sup>4</sup>, onde se utiliza de outras disciplinas que serviram como contribuição para a história. Como afirma Alexandre:

...não se pode negar ainda que a produção de conhecimento histórico sempre recebeu contribuições da linguística, antropologia, psicanálise, entre outros Campos do saber, enriquecendo em muito as análises disponíveis sobre os mais diversos objetos e colaborando para consolidação de um estatuto científico para a disciplina (Avelar, 2008, p.41)

Podemos observar o que leva a história a ter este status de ciência é simplesmente a maneira como ela é estudada, abordada, investigada e comprovada. Ou seja, através de métodos científicos. Em controvérsia a esses historiadores, surgem os historiadores pós-modernos que vão ser totalmente contra a ideia da história como uma ciência. Eles a interpretam como uma ficção, algo a ser interpretado de maneira diferente por cada pessoa, atacando a história de diversas maneiras. Uns dos principais ataques é relatada por Alexandre como

a não consideração de que a formação e expansão entre os meios acadêmicos e culturais de um certo "espírito pós-moderno" tem raízes concretas e de que estas se ligam a profunda transformações ocorridas nos padrões de acumulação capitalista a partir do final dos anos sessenta, redefinindo uma lógica cultural inerente à nova realidade do capitalismo financeiro-global (Avelar, 2008, p. 42)

---

<sup>4</sup>A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico no século XX que surgiu na França, uma de suas características é a crítica a História Tradicional.

Os pós-modernos chegam para contestar ideias do clássico, ideia do progresso, e as grandes narrativas. Eles descartam qualquer representação total do passado feita pelo historiador, argumentando que é impossível refazê-lo. Misturando então a história com a ficção. Barros ao abordar sobre a corrente historiográfica pós-moderna relata que para eles, “a história seria essencialmente a construção e representação, com pouca ou nenhuma ligação em relação a uma realidade externa” (Barros, 2018, p.77) vale ressaltar que os ideais pós-modernos surgem em um cenário de mudança econômica, principalmente com a expansão do Capitalismo e o fim do sistema socialista. Uma nova sociedade passa então a nascer neste momento, fazendo os pós-modernistas começarem a seguir essas evoluções, principalmente as tecnológicas. Esse cenário de mudança onde os pós-modernistas se desenvolvem é relatado por Alexandre:

...passagem da qual se originam as formulações do pós-modernismo tem, portanto, bases materiais bem definidas. Insere-se nas mudanças ocorridas na economia mundial a partir dos anos setenta, nas inovações tecnológicas e nos reflexos dos movimentos políticos de massas e dos ideais iluministas de progresso e emancipação. (Avelar, 2008, p.43)

Neste cenário capitalista os pós-modernos adaptam suas obras em torno do modelo econômico, ou seja, eles escrevem aquilo que sabe que lhe trará retorno lucrativo, eles transformaram a história em um produto. Enfim, o que se deve ter em mente é que os pós-moderno não negam a existência de um passado, mas sim a maneira como é transmitido e os documentos que se utiliza para investigá-lo, argumentando que os fatos que nos são passados podem ser apenas representação feita pelos historiadores, como será relatado no trecho a seguir:

Assim, o que podemos conhecer dos fatos do passado são as representações textuais dada pelos historiadores. E essas representações são, acima de tudo, literária nas quais não se podem obscurecer o papel criativo dos produtores da discussão histórica. (Avelar, 2008, p.46)

Contudo, o que podemos concluir neste momento é que a história não é tão simples como muitos pensam, existem diversas teorias e definições, fazendo a história ser encantadora e apaixonante como ela é. Dito tudo isso podemos refletir sobre o conceito e objetivos do ensino de história.

Quando procuramos no dicionário Aurélio à palavra ensino, encontramos a seguinte definição, "transmissão de conhecimentos", porém para o educador e filósofo Paulo Freire<sup>5</sup>, ensino não é apenas uma transferência de conhecimento, mas sim uma troca de saberes. Em seu livro pedagogia da autonomia (1969), o educador escreve sobre essa troca entre professor e aluno, que a partir dessa dinâmica que ocorre o ensino, além de apresentar que ensinar também é uma forma de aprender.

Diferente do que muitos pensam o "ensinar" e o "aprender" não está somente na sala de aula, o psicólogo russo Vygotsky<sup>6</sup> diz que a aprendizagem acontece nas relações humanas e em diversos espaços, sendo assim, é possível adquirir conhecimento na escola, em casa, na vizinhança entre outros espaços. A pedagoga Amélia Porto e o doutor em educação Marco Silva no livro nas trilhas do ensino de história (2012, p. 08-09) destacam que o ensino e a aprendizagem não ocorrem somente nas trocas humanas, mas também com a cultura e suas produções como os livros, filmes, jogos, entre outros. Os alunos podem adquirir conhecimento além do espaço escolar e dos professores, pois o ensino não ocorre apenas nesse espaço, os discentes também podem aprender com a sociedade a sua volta, além de aprender com as experiências deles mesmos, porém não podemos anular a importância da escola e dos professores, pois são eles responsáveis por orientar os alunos, dar suporte para seus conhecimentos.

Após analisarmos brevemente o que é ensino, podemos refletir sobre o ensino de história e quais foram e são seus objetivos atualmente. No século XIX a história se tornou algo "ensinável", porém, descrever o conceito e os objetivos do ensino de história é algo um tanto complexo. Paulo Freire dizia que não existe ensino sem

---

<sup>5</sup> Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro responsável por grandes contribuições na pedagogia não só no Brasil, mas também ao redor do mundo.

<sup>6</sup> Lev Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo russo foi pioneiro nos estudos sobre a relação entre o desenvolvimento intelectual das crianças e as interações sociais.

aprendizagem, mas o que podemos aprender com a história? Cerri (2009, p. 149) responde essa pergunta dizendo que o “ensino de história é um fenômeno social, e não somente um fenômeno da educação formal”, o ensino de história deve proporcionar ao aluno caminhos que o faça pensar e questionar o que, quem e como foi construída a sociedade onde ele vive.

Outro objetivo que deveria ser atribuído ao ensino de história é a orientação temporal do aluno, fazendo com que ele analise o passado refletindo sobre seu presente e pensando no futuro, essa disciplina não deveria ser apenas para decorar datas e acontecimentos pontuais do passado, mas sim um ponto de referência para refletirmos sobre nossa sociedade, pois compreender sobre nosso passado nos faz entender sobre nosso presente.

Apesar das transformações que vem acontecendo na historiografia, os currículos escolares ainda não se atualizaram totalmente sobre os assuntos atuais a serem ensinadas em sala de aula, é necessário compreender que os pensamentos e ideias dos dias de hoje, não são os mesmos de dez ou cinco anos atrás, os currículos de ensino de história precisam ser constantemente atualizados para atingir um dos seus principais objetivos que é o auxílio para a formação de indivíduos para uma atuação cidadã na sociedade.

O ensino de história deve fazer com que os alunos questionem, pensem, discutam sobre o passado olhando para o presente pensando no futuro, porém a maneira como essas aulas são montadas impede essa interação, fazendo com que as aulas sejam livros, quadro e decoreba, alguns professores pensando em mudar um pouco esse cenário procuram trazer novas tecnologias para a sala de aula, porém de nada vale esse esforço se esses materiais não são devidamente preparados e pensados para a utilização em sala de aula, caindo novamente nas repetições e decorebas.

Muitos professores de história e pedagogos constantemente se reúnem pensando em alguma forma de mudar o cenário das aulas de história, trazer conteúdos que realmente tragam mudanças na vida dos alunos, porém essa tentativa



sempre esbarra nos interesses de terceiros, fazendo com que toda tentativa de mudar esse cenário seja barrado.

## **A História do ensino de História no Brasil**

Ao longo de toda História do Brasil, a História do ensino de História no país foi passando por diversas etapas e sofrendo drásticas mudanças, até chegar aos conceitos em que hoje nós temos sobre a disciplina. O primeiro contanto que o Brasil teve com a história, foi com a chegada dos jesuítas<sup>7</sup> no período do Brasil Colonial, quando eles trouxeram um ensino letrado e sistematizado para a então colônia. É de suma importância citar sobre o ensino jesuítico neste momento, já que através disto foi sendo construído as primeiras noções de ensino educacional e até mesmo de História no Brasil. Vale salientar que antes da criação da Companhia de Jesus<sup>8</sup>, não havia nenhuma instituição escolar ou universitária em todo o mundo que propiciasse o ensino autônomo da História.

Como sabemos foi encarregada aos jesuítas a missão de catequização no Brasil com a sua chegada em 1549. A Companhia de Jesus tinha como objetivo a conquistas de novos fiéis, e é entorno desta necessidade que será formulada a pedagogia colonial desse momento. Como podemos ver no trecho do artigo de José Petrúcio de Farias Júnior.

Nesse período, estabelece-se, por meio da Ration um conjunto de regulamentos e orientações pedagógicas que definia mais práticas didáticas do que conteúdo as serem ministrados, tendo em vista propostas evangelizadoras, de formação moral e de difusão das virtudes cristãs. (JÚNIOR, 2013, p.127)

Porém, as heranças educacionais deixadas pelos jesuítas, vão além das missões evangelizadoras, já que eles preparavam aos alunos para ingressarem nas

---

<sup>7</sup> Padres que pertenciam à Companhia de Jesus, uma ordem religiosa vinculada à Igreja Católica que tinha como objetivo a pregação do evangelho pelo mundo.

<sup>8</sup> Ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris.

faculdades portuguesas, através da preparação humanística, iniciando uma empreitada na área da educação. Uma figura de muita importância para a implantação do ensino de História neste momento no Brasil, é o padre jesuíta Antônio Maria Bonucci. Ele escreve um compêndio didático, que servirá como um meio de ensino da História, o manual foi o primeiro de História escrito no Brasil. Essas obras que têm como títulos; Epítome Cronológico, Genealógico e Histórico, publicadas em 1706, por meio dessas produções, o padre direciona temas voltados a história sacra e profana para o curso de Humanidade oferecido nos colégios da Bahia. Como menciona Flavio Ruckstadter e Vanessa Ruckstadter (2010, p.80) “a obra é dividida em quatro livros que totalizam 555 páginas, e une História Sacra e Profana”

Como sabemos neste momento a História ainda não era consolidada como uma ciência, fato que só ocorrera no século XIX. Até então ela era vista na Europa como uma forma de legitimar a formação dos Estados Nacionais (RUCKSTADTER; RUCKSTADTER, 2010) e no Brasil não seria diferente, como continua descrevendo os autores citados, os jesuítas também eram funcionários da Coroa Portuguesa, fazendo com que eles ensinassem esse sentimento nacional de pertencimento à Portugal. Resumidamente o compêndio escrito por Bonucci, apresenta os seguintes pontos, como veremos abaixo:

Dessa forma Bonucci une em seu compêndio a História Sacra, com ênfase à história dos profetas bíblicos, especialmente Jesus, e da Igreja Católica, e a História profana, dos reinos da antiguidade até os reinos da modernidade. (RUCKSTADTER; RUCKSTADTER, 2010, p.80)

Além destes elementos, Farias Júnior (2013) ainda consolida uma narrativa que era linear e progressiva, colaborava em geral para a legitimação dos Estados Nacionais modernos europeus. Os séculos XVII e XVIII não significa que este conhecimento fosse reconhecido como disciplina escolar como se têm no tempo contemporâneo, segundo Júnior.

O período educacional jesuíta terá fim com expulsão da Companhia de Jesus no período pombalino, introduzido no governo de Marquês de Pombal<sup>9</sup>. Pombal então, adota um modelo voltado nas enciclopédias francesa, que tinha o objetivo segundo as palavras dos Ruckstadter (2010) libertar o ensino da estreiteza e do obscurantismo que oprimiam os jesuítas. Porém, essa diretriz educacional não obteve êxito.

A formação do ensino de História desse período norteia-se em volta do surgimento do Colégio D. Pedro II, a instituição é considerada um marco para o conhecimento da História enquanto disciplina no Brasil (séc. XIX) além disso é responsável por determinar a inserção da História como conteúdo no currículo. E essas influências não se limitam apenas a essas questões, segundo a autora Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt:

Entre eles estão algumas experiências particularizadas de ensino, a presença de certos conteúdos de História em algumas séries e a produção de manuais didáticos destinados a alunos. Da mesma, pode ser considerado a existência de uma forte influência das concepções europeias da história, particularmente francesa (SCHMIDT, 2011, p.78)

Entretanto, as concepções sobre a História desse período são bem mais complexas. Vale ressaltar que o no século XIX, toda a Europa passava por transformações políticas, econômicas e sociais, a ideia de nação começou a crescer em todo continente, então o ensino de história passou a ser utilizado como forma de criar identidade nacional, algo que criasse uma ideia de pertencimento e união, criasse a ideia de cidadão.

Ainda que em quase todos os programas e currículos o objetivo da disciplina apareça como "formar o cidadão", a verdade é que este "cidadão" também muda com o tempo e o espaço. O que oficialmente se espera de um cidadão soviético é bem diferente do que se espera de um cidadão americano no governo de Nixon; o mesmo se aplica ao cidadão da primeira república brasileira, do Estado Novo, da Ditadura Militar e do período atual. Prepará-lo para a "democracia" é um

---

<sup>9</sup> Secretário de Estado, entre 1750 e 1777, na então colônia portuguesa, que hoje conhecemos como Brasil.

problema idêntico, já que os regimes socialistas do Leste Europeu eram conhecidos por alguns como "democracias populares" e os Estados Unidos interviram no Vietnã em defesa da "democracia". (CERRI, p.139)

O Brasil então, também adotará essa busca por uma identidade, já que agora tinha ganho independência, precisava encontrar uma ideia de nação, algo que remetesse a noção de unidade. A classe senhorial vai em busca de uma construção de identidade que legitimasse seu poderio e reconhecimento político e uma classe dominante. Como relata Maria Aparecida em seu artigo:

E para isso precisava construir uma identidade de classe governante que implicava no seu reconhecimento como um corpo político uno, capaz de realizar o trânsito do processo de colonização para o de emancipação política e constituição do Estado Imperial. Ao se propor "forjar-se a si mesmo" como classe dominante, pareceu-lhe imprescindível transbordar da organização e direção da atividade econômica para a organização da sociedade (TOLEDO,2005, p. 2)

Todavia, não seria fácil essa tarefa de construir uma identidade de "boa sociedade" para o Brasil, já que nos padrões europeus essa noção era ligada a uma sociedade civilizada, que segundo o historiador Mattos (1987), a Nação se constituía como resultado de uma sociedade que abolia toda e qualquer segmentação, de tal forma que inexistia qualquer instância intermediária entre Nação e Cidadão. E a situação do Brasil estava totalmente oposto disso, a realidade que se tinha naquele momento era um Brasil "independente", mas ainda governado por um príncipe português tendo a rédea da política brasileira, como pensar então em um conceito de nação, nessa situação? Iniciaria então, um logo debate a ser discutido.

Como já abordado, a elite brasileira queria seguir os moldes dos países europeus em formar a sua identidade de Nação, Pátria e Liberdade. Além, disto o Brasil precisava também de uma construção histórica do seu passado para consolidar o período do Império brasileiro, da mesma forma construir um saber sobre o passado nacional era um dos caminhos considerados mais acertados para que se reconhecesse o país como uno (TOLEDO, 2005, p.3)

Quando a História se torna uma disciplina neste período em que envolver todos esses embates, ela irá manter relações com assuntos que permeiam o meio nacional e a formação do sujeito político. E o Colégio Pedro II, foi preparado especialmente para isso, formar uma elite intelectual, capacitada para assumir cargos políticos e administrativos dentro do Império. Além disso, a Instituição teve outros papéis importantes;

Como instituição oficial e modelo para as demais, o Colégio de Pedro II foi o “lugar institucional” de onde nasceu a organização dos primeiros conjuntos de saberes que se construíram em disciplinas escolares no Brasil. Em sua história se verifica como os agrupamentos de professores, dos saberes (humanísticos ou científicos), da ação da Igreja e do Estado concorreram para a institucionalização da História como disciplina constituída de conteúdos úteis aos novos contornos sociais. (TOLEDO, 2005, p.4)

O Colégio Pedro II, passou a desenvolver formas para desenvolvimento da prática do ensino de História. Seguindo os moldes de caráter humanístico, a História no Colégio, se identificou com as humanidades clássicas, contendo conteúdos de História Universal, que tinha como alusão a religião e a moral, servindo para conduzir os espíritos e com influência Grécia e Roma. Toda essa preocupação em estudar o passado clássica, tinha o objetivo de mostrar que toda a construção de nação que estava sendo projetada na Europa poderia ser vista em um registro universal, abrangendo necessariamente a formação dos povos antigos. Mas vale ressaltar que o Colégio foi sofrendo modificações ao decorrer do século XIX, para atender à elite que queria ascender ao cargo político. Porém, isso não apaga a importância que essa instituição teve historicamente ao Brasil, saindo dali também, a principal obra historiográfica didática naquele período.

A História ensinada pelo Colégio Pedro II era focada na genealogia da nação, buscando no passado a resposta para o surgimento das nações. O estudo do passado serviria como um recurso pedagógico para a explicação e o fortalecimento da identidade nacional (TOLEDO, 2005, p.5)

A elite imperial brasileira se dedicou ao estudo das origens das nações, influenciado no olhar europeu para que assim, pudessem chegar mais próximo ao conceito de “civilizado”, identificado no mundo ocidental. Além disso:

Conhecer como as nações se constituíram, seu passado, sua constituição populacional, os feitos de seus líderes, identificados como heróis pela dedicação dispensada na formação e fortalecimento da nação, parecia ser o caminho e a linguagem mais adequada para se reconhecer como um sujeito identificado com sua Pátria tornar-se-ia capaz de lutar por sua legitimação (TOLEDO, 2005, p.5)

Um impasse que poderá ser observado em toda essa busca de escrever uma história de nação para o Brasil, é que todos os moldes que tivemos foram europeus, fazendo com que o saber universal formador da construção da Pátria brasileira fosse também da Europa. Pela ausência de uma historiografia própria brasileira, a nossa história foi influenciada pela Europa, tendo até mesmo o uso de autores estrangeiros para escrever a nossa própria história e a História Universal.

Em contradição a essa nossa história que foi influenciada pelo a europeia, será fundado em 1838 o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) outra importantíssima instituição que irá intervir também na historiografia brasileira. Defendendo a criação de uma história nacional própria para o Brasil

A criação do IHGB contribuiu, enfim, para oferecer um saber histórico “legítimo” ao sujeito político onde a Nação Brasileira seria representada por um Estado soberano que, convergindo suas regiões rumo à unidade de uma história nacional, encontraria sua identidade enquanto nação. O fim dessa história nacional era mostrar que à essa elite caberia a responsabilidade de demonstrar que a vasta extensão do território e suas diferentes regiões exigiam como regime político a monarquia, tendo a unidade figurada no imperado. (TOLEDO, 2005, p. 8)

Neste momento teremos a publicação da síntese de Varnhagen, que se destacara preenchendo a lacuna em relação a uma história erudita de autor brasileiro, em um momento que era preciso a construção da uma unidade do país e da identidade

nacional para o Estado. Dando início a História Geral, que se tornou referência obrigatória.

Após a Proclamação da República em 1889, o ensino de história passou por diversas transformações, porém essas mudanças só começam a ocorrer de maneira mais clara a partir da década de 1930, como governo de Getúlio Vargas. Logo no início da república ainda era vigente o regulamento do Colégio D. Pedro II, regimento esse que havia nos "currículos" de história forte influência da visão da Europa sobre história, tendo como as concepções europeias a verdade absoluta, a educação ainda era apenas para um pequeno grupo, para a formação de uma elite dirigente. Mesmo depois do Brasil ter deixado de ser uma Monarquia, nas primeiras décadas da república o país ainda vivia através das ideias monarquias, incluindo no que diz respeito a educação, porém ao longo dos anos as insatisfações do povo foi aumentando, aumentando também as articulações para acabar com o governo vigente, foi então que em 1930 houve o Golpe de 1930, golpe este que foi responsável por grandes transformações em vários setores do país principalmente a educação, onde principalmente a educação pública passou a ser difundida em todo o Brasil.

A partir de 1930 as ideias nacionalistas estavam cada vez mais fortes, e essas ideias foram incluídas na educação, principalmente na disciplina de história, a Europa deixou de ser o centro das atenções, a história do Brasil passou a ganhar mais destaque os grandes heróis e eventos brasileiros passaram a ter mais importância, nessa década também houve uma "pedagogização da História", a pedagogia e a sociologia trabalhavam juntas com a história para produzir uma melhor didática para a aplicação dessa disciplina. O ano de 1931 foi de extrema importância para a História como disciplina escolar, as reformas feitas na educação formaram diretrizes para o ensino de história, além de coloca-la como disciplina obrigatória nas escolas de todo país, onze anos depois, em 1942, a disciplina conquistou sua autonomia didática além de estabelecer a História do Brasil como uma disciplina a parte, essa última não foi considerada uma grande vitória por muitos pois ela se transformou em uma disciplina voltada para a formação moral e patriótica.

As décadas de 50 e 60 foram de grandes conflitos políticos e educacionais, até que em 1964 o Brasil sofre outro golpe trazendo os militares ao poder e alterando novamente a educação e principalmente a disciplina de história, disciplina essa que foi difundida com a disciplina de geografia, dando lugar a disciplina de Estudos Sociais, além da criação da disciplina de Educação de Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileiras, essas disciplinas na verdade serviram para alienar os alunos e criar cidadãos que não questionassem o governo. Essas disciplinas vigoraram entres os anos de 1964 e 1984, nesse período ficaram marcados as "decurebas" e o estudo dos grandes heróis, além do nacionalismo e adoração a pátria, além é claro a abominação ao comunismo, apesar das grandes mobilizações principalmente da Associação Nacional dos Professores de História em 1971, que faziam duras críticas ao ensino dos estudos sociais, esse cenário só começou a mudar em 1984 com a democratização e em 1997 e 1998 foi feito a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacional, com a aprovação do PCN em 1998, a disciplina de história passou a ser obrigatório em todo território nacional a partir do primeiro ciclo do ensino fundamentou, passou a ser discutido a forma como o aluno pode ter acesso ao conhecimento histórico, começa a discutir como o aluno pode contribuir para esse processo.

Os diálogos sobre o ensino de história, sobre quais fatos ensinar aos alunos ainda hoje são muito inflamados, pois diversos pesquisadores de diferentes áreas disputam sobre o currículo de história, pois nenhum pesquisador quer abrir mão do ensino de sua área em prol de outras, é discutido também a forma como os conteúdos são abordados, pois ainda hoje 36 anos após o fim da ditadura militar e o fim dos métodos arcaicos de se ensinar história ainda são aplicados em sala de aula, as discursões sobre a modernização da aplicação dessas aulas vem tomando cada vez mais força nessas discursões.

Podemos ver com tudo isso, que o ensino de história é uma das que mais se modificou e vem se modificando ao longo das décadas, essa disciplina sempre foi moldada para favorecer governos vigentes, ela foi alterada desde o período imperial, até os dias atuais, com governos atuais, infelizmente podemos observar que com a



influência política, a história foi transformada em ferramenta de manipulação, porém podemos verificar que desde a criação do PCN os esforços para se ter uma disciplina que prepare cidadãos questionadores e pensadores.

### **Ensinar história sob a égide da globalização**

Nas últimas décadas muitos intelectuais têm se debruçado a discutir sobre a globalização, sua origem, início, definições e conceitos, se esse fenômeno é para ser contemplado ou questionado.

Podemos dizer que o processo da globalização começou no século XV com o advento das grandes navegações, período esse que os horizontes econômicos começaram a se ampliar, porém esse processo começou a se acelerar após a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento do fenômeno que a geografia chama de a Terceira Revolução Industrial, a Revolução Técnico-Científica-Informacional, onde as tecnologias principalmente a informática e a comunicação se desenvolveram muito.

A definição de globalização é um dos pontos mais discutidos entre os estudiosos. Muitas foram as definições dadas para esse fenômeno, em sua dissertação, o mestre Rômulo Souza discute sobre a noção de globalização dada pelo crítico literário Fredric Jameson:

...ao conceituarmos a globalização, tal prática está intrínseca a nossa forma de enxergar o mundo, nossos posicionamentos políticos e filosóficos. De fato, o exercício de definição do referido fenômeno histórico é subjetivo. Consequentemente, indissociável a valores, ideologias e visões de mundo. Um desafio, ainda mais no atual contexto, para qualquer pesquisador do tema. (SOUZA, 2020, p. 20.)

Definir o processo de globalização pode ser algo subjetivo e plural, pois é possível olhar esse fenômeno sob a ótica de vários outros fenômenos, como o econômico, cultural, político etc.

O renomado geógrafo Milton Santos<sup>10</sup> nos fornece outra definição para a globalização, para o intelectual, a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (Santos, 2000, p. 12). Santos, em seu livro, *Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal*, 2000, enxerga o fenômeno da globalização em três diferentes mundos, “o mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula”:

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2000, p. 9.)

Milton Santos nos deixa claro que a ideia de um mundo globalizado é um mundo “sem fronteiras”, por causa da rapidez das notícias e a rapidez dos transportes não passa de um mito, pois as fronteiras continuam existindo, o que não existe é a ideia de diminuir o consumo desenfreado, pelo contrário, os esforços para aumentar o consumo ganham cada vez mais força.

O segundo mundo exibido por Milton é “o mundo como é: a globalização como perversidade”:

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (SANTOS, 2000, p. 10)

---

<sup>10</sup> Foi um grande geógrafo, escritor, cientista, jornalista, advogado e professor universitário brasileiro, é considerado um dos mais renomados intelectuais do Brasil no século XX, foi um dos responsáveis pela renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970.

Milton Santos escreveu esse livro a aproximadamente 22 anos atrás, porém ele continua atual, desemprego, doenças, educação de qualidade cada vez mais questionável, crises políticas e econômicas continuam sendo uma realidade para grande parte dos países do mundo, incluindo o Brasil.

O terceiro mundo descrito pelo geógrafo é “o mundo como pode ser: uma outra globalização”, toda técnica usada para fazer com que a globalização seja algo perverso pode ser usada para transformá-la em algo benéfico:

“Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico. (SANTOS, 2000, p. 10)

Analisando ambas as definições podemos chegar à ideia de que a globalização é a troca, a relação econômica, política e cultural entre os países, é um processo também de grandes avanços nos meios tecnológicos e de comunicação, dito tudo isso, o que a globalização pode interferir na maneira como os professores de História administram suas aulas?

Vivemos em uma sociedade cada vez mais informatizada, conectada, imediatista e consumista, uma sociedade onde as pessoas não têm tempo de para e refletir sobre as atrocidades que vêm acontecendo no mundo, sendo essa uma das funções do ensino de história.

Os alunos ao longo dos anos vêm perdendo o interesse por disciplinas da área de humanas, pois a necessidade de entrar no mercado de trabalho e se tornar um consumidor vem se tornando uma realidade na vida dos discentes e muitos acreditam que refletir sobre o passado e pensar no presente e futuro é uma perda de tempo, muitos deles acabam deixando essas disciplinas de lado e focando apenas nas de exatas, acreditando que elas os levaram mais rápido para o mercado de trabalho.

A rapidez das notícias, sem dúvidas foi uma das maiores e mais importantes acontecimentos vindas da globalização, estar conectado no que acontece do lado do mundo em questão de minutos sem dúvidas é um acontecimento que pode acrescentar muito nas aulas de História. Porém junto com essa rapidez, veio o mau da década, as Fake News, as notícias falsas que se espalham na mesma velocidade que elas chegam às mídias sociais e esse acaba sendo um passo atrás de todo esse avanço. Os professores acabam perdendo um tempo precioso que poderia estar discutindo sobre coisas realmente importantes na história, tendo que desmentir ao seus alunos assuntos sobre o regime nazista ser um regime de esquerda e o que ocorreu no Brasil no ano de 1964 foi um Golpe Civil Militar, e não uma revolução, como tem surgido falsamente nas redes sociais. Todo esse fato tem sido desgastante, ter que explicar aos alunos assuntos que nem deveriam ser pauta, discutir sobre os métodos científicos que a História tem que passar para se afirmar algo. Mas não podemos esquecer um fato que tem atrapalhado as aulas de História, a falta de métodos de ensino que realmente se encaixam na vida dos alunos.

Os alunos, principalmente aqueles que nasceram nas últimas décadas, nascem cada vez mais inseridos em uma realidade tecnológica, televisão, tablets, computadores, videogames, entre outros são inseridos cada vez mais cedo na vida dos estudantes, e na sala de aula eles não encontram essas tecnologias, eles chegam em sala de aula tendo que ficar horas sentados em frente a um quadro, debruçados em cima de livros e mapas, esses métodos acabam desestimulando os discentes. Existe uma necessidade imediata de trazer métodos que fazem sentido na vida dos alunos, métodos que chamem a atenção dos pequenos, pois a disciplina de História não é algo claro e maçante, o que a torna chata são os métodos um tanto quanto ultrapassadas que ainda insiste em ser realidade em sala de aula. Os alunos desde pequenos são estimulados com músicas, filmes, jogos, entre outros, mas quando saem da pré-escola, esses estímulos são cortados, quando deveria continuar e ser estimulado.

## **Educação 4.0 e seu uso na região**

Em um mundo que vêm sofrendo constantes mudanças em todas as áreas imagináveis e muitas daquelas nem imaginaríamos, a educação não poderia ficar de fora de toda essa acelerada transformação. Ao longo de todos esses anos a educação passou por uma série de metamorfose, como cita Regina Candida Führt (2018) em seu artigo. Vivenciando as fases da Educação 1.0, Educação 2.0, Educação 3.0 até chegar naquela que talvez seja a mais revolucionária de todas elas, a Educação 4.0, da qual falaremos resumidamente neste momento, mas de forma precisa para compreendermos tal fenômeno. Como o advento da indústria 4.0, chamada também de 4ª Revolução Industrial, a Educação 4.0 chegou para inovar o modelo de educação. Sobre tal fato, Regina Candida relata que:

Com o advento da Quarta Revolução Industrial e da era digital, a educação apresenta um novo paradigma onde a informação encontra-se na rede das redes, nas aldeias globais e encontra-se acessível a todos de forma horizontal e circular, sem limites de tempo e espaço geográfico. O educador, nesta chuva de sinapses de informações acessíveis pelas TICs, torna-se orquestrador, o curador das múltiplas informações junto ao educando, onde procura organizar e sintetizar a informação, transformando a informação em conhecimento e o conhecimento em sabedoria. O educando nesse ambiente ciberarquitetônico torna-se o ator, o autor do conhecimento através da pesquisa proposta nos projetos interdisciplinares que possibilitam o desenvolvimento de competências e habilidades para corresponder a sociedade 4.0. (FÜHR, 2018, p. 63)

Baseado no conceito *“learning by doing”*, que em português significa “aprender fazendo”, ela baseia-se das ferramentas tecnológicas para a melhoria e incentivo dos alunos. Como podemos observar, as salas de aulas, as disciplinas, a maneira como os conteúdos estão sendo repassados vêm se tornando maçante e desinteressantes para a maioria dos estudantes, precisando então, de novas técnicas de incentivo para a qualidade e desenvolvimento da relação entre os discentes e a educação. É pensando neste caso que a educação 4.0 surge como diz o ditado popular “para unir o útil e o agradável”, fazendo com que assim, mantenha-se acesso o interesse dos alunos.

Como sabemos, a geração do século XXI vive de internet, aplicativos, aparelhos e jogos eletrônicos, redes sociais... tudo que envolva esse meio que chegou para revolucionar a sociedade. Hoje é impossível imaginar uma pessoa que não esteja conectada em qualquer uma dessas redes cibernéticas principalmente quando nos remetemos aos jovens e adolescentes. Com esse intuito a Educação 4.0 chegou para utilizar dessas tecnologias que já são tão presentes da vida dos alunos, para colaborar no ensino e aprendizagem, fazendo com que assim os alunos continuem usando essas ferramentas tecnológicas, mas agora inserido em um propósito escolar.

O estudante agora poderá ter acesso aos conteúdos escolares em seu smartphone, tablete, notebook entre outros aparelhos eletrônicos, em qual lugar e hora do dia, principalmente nas salas de aulas. Além disso, a Educação 4.0 tem também como objetivo, transformar toda essa avalanche de informações que os alunos recebem todos os dias, em conhecimento. Sendo necessário então, um planejamento pedagógico da escola e dos professores, para conciliar ferramentas tecnológicas mais informações. Fazendo com que assim se torne conteúdos que acrescentem aprendizagem na vida dos discentes. Outro propósito que pode ser encontrado na Educação 4.0 é o objetivo de fazer com que cada vez mais os alunos se integram e respondam com mais velocidade á todos esses avanços tecnológicos.

A disciplina de História seria uma dos grandes beneficiarias da utilização do conceito de Educação 4.0, pois a matéria escolar vem perdendo espaço e interesse dos alunos, administrar aulas com a utilização de tecnologia seria uma das grandes formas de chamar a tenção dos estudantes, várias são as ferramentas que podem ser utilizadas, jogos, filmes, a utilização do próprio celular como ferramenta de pesquisa, entre outras, mas devemos também nos atentar sobre a estrutura que é oferecida aos professores para implantar esses métodos.

Para discutir e aprofundar essas questões, realizamos uma pesquisa com mais de 15 perguntas para saber o perfil, estrutura em que trabalho e treinamento dos professores de história de 4 cidade de região, Barra do Piraí, Barra Mansa, Pinheiral e Volta Redonda para a utilização de tecnologias em sala de aula. No total foram respondidos 19 questionários e apresentamos os resultados dessa pesquisa

Sobre o perfil dos entrevistados, levantamos que em relação a idade, pouco mais de 31%, representando a maioria dos professores, tem mais de 40 anos de idade, 47,4% dos entrevistados têm entre 1 e 10 anos de trabalho na disciplina de história, mais de 47% lecionam nos ensinos fundamental e médio, 52,6% dos professores trabalham na rede de ensino público.

Uma questão muito importante que foi pesquisada, principalmente nesse período de pandemia, em que a educação remota se tornou indispensável, referiu-se às condições de acesso à internet, equipamentos tecnológicos adequados (computador, celular etc.), bem como habilidade e treinamento para usar esses recursos. Sobre essa questão, a grande maioria dos entrevistados, 57,9%, afirmam trabalhar em locais que não oferecem estrutura adequada para ensinar com o auxílio da tecnologia, encontramos também o mesmo percentual de pessoas que dizem não ser treinados para utilizar tais ferramentas e mais de 68% dos professores tem acesso à internet na escola onde trabalham, porém apenas a regra não se aplica aos alunos, podemos observar que quase 6% dos entrevistados afirmam que nas escolas onde lecionam não oferecem internet para os docentes e discentes.

Outro ponto importante da pesquisa referiu a importância e utilização da tecnologia em sala. Analisamos que apesar das dificuldades apontadas acima, as informações colhidas foram muito satisfatórias. Percebemos que mesmo com tantas dificuldades, a grande maioria faz o que pode para utilizar algum tipo de ferramenta tecnológica, quase 95%, a grande maioria dos nossos entrevistados também utilizam diversos tipos de ferramentas, como sites de internet, aplicativos de celular, programas pedagógicos e didáticos, jogos virtuais, entre outros. Todos os nossos entrevistados apontam que o uso das tecnologias contribui positivamente para o processo de aprendizagem dos alunos e que o interesse dos alunos seria maior com tais ferramentas, e apenas 5,3% dos participantes da pesquisa não acreditam que a disciplina se enquadra positivamente aos moldes das novas tecnologias.

A pandemia de Covid-19 também esteve presente em nossa pesquisa, saber como ela afetou os professores, como eles se adaptaram ao “novo normal” também foi pauta, com isso descobrimos que 21,1% dos professores entrevistados não se

sentiam abertos a aprender novas formas de aplicar o ensino de história e que as maiores dificuldades encontradas por eles para ensinar foi a falta de equipamentos adequados e a dificuldade de acesso à internet, descobrimos também que 68,4% dos professores conheceram novas ferramentas tecnológicas e mais de 84% pretendem continuar utilizando algumas dessas ferramentas.

Podemos notar que com essa breve pesquisa de campo, os professores são abertos a aprender e incorporar ferramentas tecnológicas em suas aulas de História, porém muitos deles trabalham em ambientes que não oferecem estrutura adequada para utilizá-las, na pesquisa também foi questionado o que era necessário para implantar a tecnologia no ensino de História, e várias foram as respostas, porém as que mais aparecem foram “melhorar a estrutura tecnológica das escolas” e “disponibilização de equipamentos para os professores e alunos”, podemos perceber a vontade dos professores de inovar, porém não podemos esperar apenas a vontade dos mesmos, é necessário também uma melhor estrutura das escolas.

### **Considerações finais**

Antes de tudo precisamos reforçar que inicialmente os principais objetivos dessa pesquisa eram discutir a tecnologia como uma aliada do ensino de história, mas no decorrer desse artigo discutimos também sobre as dificuldades de se implantar tais tecnologias em sala de aula, e como a pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, afetou a dinâmica do ensino de História.

Ao longo da pesquisa analisamos as mudanças que a disciplina História sofreu no Brasil, além de discutir os motivos do desinteresse dos alunos para com a essa disciplina. Percebemos que um desses motivos era que a aula era vista como monótona, sem nenhum atrativo, e logo pensando nessa perspectiva, sobretudo no quanto a tecnologia está presente na vida dos alunos, analisamos a utilização de novas tecnologias no ensino de história.



Constatamos que os professores acreditam que as tecnologias são um grande aliado do ensino de história, que elas podem contribuir de maneira positiva no aprendizado dos alunos, mas também podemos perceber a dificuldade que os professores enfrentam para colocar tais inovações em sala de aula. Concluímos que muitos professores trabalham em escolas que não tem estrutura para oferecer um ensino com tecnologia, e muitas vezes também não são capacitados. Eles desejam que as aulas sejam mais interativas e atrativas com o uso da tecnologia, mas não encontram formas de colocá-las em prática.

Podemos observar também que a pandemia do Covid-19 foi responsável deixou ainda mais evidente uma realidade presente na nossa sociedade, que é a desigualdade social. Com essa pandemia, professores e alunos se deparam com um novo desafio, uma nova realidade, e foi nesse momento que o uso das tecnologias foi crucial para a continuidade da vida escolar, e foi nesse momento que percebeu-se que muitos professores e escolas não estavam realmente preparados para essa nova realidade e principalmente de uma quantidade imensa de alunos não tinham acesso à tecnologia.

A pesquisa nos mostra que a didática do ensino de história precisa de mudanças e melhorias e que as tecnologias podem ser a grande mudança que ela precisa, porém para isso acontecer, é necessário não apenas a vontade dos professores, mas também um ambiente de trabalho melhor estruturado para isso possa acontecer, e isso requer investimentos, capacitação, enfim, um projeto bem-organizado e ousado.

## Referências

AVELAR, Alexandre de Sá. Pós-Modernismo e os Ataques à História. **Cadernos UNIFOA**. Rio de Janeiro: n. 6, p. 40-48, abr. 2008.

BARROS, José D'assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. **Varia História**. Minas Gerais: v.22. n.36, p. 460-475, jul./dez. 2006.

CERRI, Luís Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço Plural**. n.20, p. 149-154, jan./jun. 2009.

CERRI, Luís Fernando. Os objetivos do ensino de história. **História e Ensino**. Paraná: v. 5, p. 137-146, out. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática, prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FÜHR, Regina Candida; HAUBENTHAL, Wagner Roberto. Educação 4.0 e seus impactos no Século XXI. Educação no Século XXI-Volume 36 **Tecnologia**, p. 61. 2018.

JÚNIOR, José Petrucio de Farias. Ensino de História: trajetórias de uma disciplina na educação básica. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**. Paraná: v. 35. n.1, p.127-134, jan. /jun. 2013.

MATTOS, Ilmar Rohlof. **O tempo saquarema**: a formação do estado imperial. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? **História da Historiografia**. Minas Gerais: n. 6, p. 103-122, mar. 2011.

PORTO, Amélia; SILVA, Marco. **Nas trilhas do ensino de História**: Teoria e Prática. Belo Horizonte: Rona, 2012.

RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins; RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano. As origens do ensino de história no Brasil Colonial: apresentação do epítome cronológico, genealógico e histórico do padre jesuíta António Maria Bonucci. **Revista HISTEDBR On-line**. Paraná: n. especial, p. 76-85, mai.2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 30. ed. RJ. Record, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**. Rio Grande do Sul: v.16. n.37, p. 73-91, maio./ago. 2012.

SOUZA, Rômulo Nobrega. **Ensino de história e a globalização**: reflexões sobre a prática docente sob o contexto ultraconservador. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, 2020.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. A disciplina de história no império brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**. São Paulo: n. 17, p. 1-10, mar. 2005.